

Fausto Caniceiro da Costa

CARTAS DE AMOR
COM SAL, PIMENTA
E HUMOR, Q.B.

UM ENCONTRO AMOROSO

O encontro era ao domingo! No mesmo local e à mesma hora. Vivíamos a Figueira, os inúmeros assuntos relacionados com a região e falávamos de amor.

Pontualmente (às vezes nem tanto) passeávamos pelos sentimentos dos mais variados metiers; confrontando estilos, formas de (re)agir, de suspirar, de cortejar... de amar.

Era tudo num espaço de tempo curto, mas bem aproveitado. Ali se evocava esse sentimento mais puro, com humor oportuno e - por que não dizê-lo - oportunista. Tudo ia para o ar! Respirava-se ...e depois de um ou mais trocadilhos, o remate era quase sempre romântico: “José Bombeiro Voluntário da Silva”, “Sebastião Coelho Guisado”, entre outros.

Tudo ia para o ar. Fausto tema este que o Caniceiro inseria no “Ponto de Encontro” (que Deus tem!), um programa do Rádio Clube Foz do Mondego que inundava o éter da região, aos domingos entre as nove e meia e a meia noite.

CARTAS DE AMOR: uma rubrica simples, lida ao telefone (em directo), com objectivos humorísticos bem definidos, a que Fausto Caniceiro dava um toque muito especial.

Volvido algum tempo essas cartas compilaram-se e aparecem com outra roupagem. Pela ideia (e por tudo) parabéns Fausto! É que estas agora pode dizer-se que são mesmo cartas de amor.

António Jorge Lé

DE UM ÁRBITRO DE FUTEBOL

Angra do Egoísmo, 1 de Março de 1976.

Querida Bola de Prata.

Quando naquela inesquecível tarde soalheirenta eu me encontrava dentro das quatro linhas do campo de futebol da A. E. I. O. U. (Associação Estrela Inducativa Operária de Unhais) a dirigir o encontro entre os donos da casa a Estrela, como é óbvio - e U. O. I. E. A. (União Operário, Industrial e Escolar da Azambuja) - e visitante, como é lógico e me preparava para assinalar uma grande penalidade a favor da Estrela, o meu apito, tremeu, tremeu e ficou silencioso, caindo na relva.

E tudo porquê? Porque entretanto no meio daquela mole imensa de público sedento de futebol eu lobriguei dois sóis que me cegaram - e aí os mais tifo-sos só porque não vi a grande penalidade, o menos que me chamaram foi cé-quinho.

Eu bem tive a preocupação imediata de apanhar o apito mas no meio da confusão gerada e no emaranhado do relvado que não ia ao banheiro há mais de 3 épocas o apito não aparecia, enquanto as vaias e os insultos continuavam atroando os ares.

A minha mãe, coitadinha tão séria que ela foi durante toda a vida e com tanta dificuldade para criar os 9 filhos após ter ficado viúva não foi poupada, e se eu fosse casado, a minha mulher seguir-lhe-ia nos insultos do género.

Quando por fim o apito apareceu e eu consegui apitar em fífia para assinalar a grande penalidade o guarda redes postou-se no seu devido lugar entre os postes, quando o ponta de lança da Estrela aninhou o esférico a multidão ululante irrompeu numa manifestação de alegria, o que me evitou o linchamento, que eu já estava a prever.

O que eu não disse, mas vou dizer-lhe agora, é que os dois sóis que estavam na Estrela (astronomicamente é impossível) eram os seus olhos, com os quais depois me cruzei à saída do campo, quando era escoltado pela patrulha da

GNR ao conduzir-me para fora dos limites da freguesia.

A fascinação que eles exerceram sobre mim incitou-me a declarar-lhe o meu amor, e a anotar no meu relatório que vou apresentar à F. A. C. A. (Federação dos Árbitros Cegos de Amor), o que para mim seria demasiadamente doloroso, o que representaria a interdição do campo.

Espero todavia não ter de recorrer a esse extremo porque se entretanto nos casarmos teríamos de jogar na noite de núpcias em campo neutro, o que não seria nada agradável.

Diga-me que me ama e que quer unir o seu ao meu destino, e eu estarei disposto a fazer todos os sacrifícios, desde o de melhorar o meu nível de arbitragem a deixar-me insultar, como convém a qualquer árbitro que se preza.

Além do mais prometo ainda ignorar todos os "fora de jogo" e marcar os "cantos" que quiser, fazendo-lhe meia dúzia de arbitrozinhos todos eles da 1ª divisão, os quais se forem escolhidos para dirigirem jogos internacionais estou convencido que dignificarão a arbitragem portuguesa.

Com uma terna e amorosa apitadela subscrevo-me.

Manuel Relva Verde

DE UM BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

Salvaterra de Magros, 26 de Julho de 1981.

Minha amada Labareda.

Quando peguei na caneta para lançar a escada desta carta à sua pessoa senti que o meu coração já estava em labaredas, e creio até por mais que estendesse a mangueira não havia água que bastasse para apagar o fogo que lavrava nas minhas entranhas.

É que o Amor, esse belo sentimento tão cantado pelos poetas, não é só privilégio dos românticos, e um bombeiro, mesmo sem voz de comando ou de apito não pode fugir a ele, e eu que tenho atacado tantos incêndios, coube-me a vez de ser atacado pelo Cupido, e, como quem tem Cu... pido tem medo, só tenho receio de não ser correspondido de igual forma.

Se porém tiver a dita de merecer o seu Amor eu corro até si no primeiro pronto-socorro, sem pedir socorro, porque tentarei apagar este fogo com um vulgar extintor.

Não sei o que mais me encanta na sua pessoa: se os seus belos olhos que mais parecem os farolins nos máximos de uma ambulância, se o seu lindo e esguio pescoço que me faz lembrar a escada magirus da corporação, ou se os seus seios, cujo formato e macieza me recordam as bóias que usamos nos socorros a naufragos.

Fico ansiosamente aguardando a sua resposta e não precisa de tocar a sirene para me chamar porque eu correrei ao seu encontro e então marcaremos a data da união que, do modo mais voluntário há-de ligar nossos destinos contribuindo decisivamente para aumentar a população com muitos bombeirinhos voluntários ou até municipais.

Vou terminar a minha missiva afirmando-lhe que o que mais quero nesta vida de bombeiro voluntário que fui obrigado a seguir por imposição paterna é encontrar uma boca de incêndio onde possa introduzir a minha agulheta para apagar este fogo que me consome, e só então depois é que estarão reu-

*nidas as condições para se proceder ao rescaldo da mais escaldante paixão
que escalda o coração inflamado deste que se assina.*

José Bombeiro Voluntário da Silva

DE UM COVEIRO

S. Martinho do Parto, 16 de Abril de 1926.

Estimada Viúva Alegre.

Ao contrário do que possa parecer, um coveiro, pelo facto de lidar com a Morte é um homem que ama a Vida e tudo quanto de belo ela contém, principalmente o lado romântico e amoroso a que, como qualquer ser humano tem direito.

E eu amei-a Minha Senhora desde o dia em que, no cemitério depois de lançar as últimas pazadas de terra sobre a urna de seu defunto marido que acabava de jazer no fundo do coval, reparei nos seus lindos olhos tão rimelados de lágrimas, não de crocodilo, como as de muitas mulheres que estão mortas por se verem livres dos maridos, mas de lágrimas sentidas da esposa que perde o seu companheiro amado, ficando às voltas com a viuvez, principalmente quando se é nova e bonita como a senhora.

O meu amor foi aumentando à maneira que todos os domingos a via junto da campa onde a senhora ia depositar os lindos ramos de flores, para a seguir, rezar as suas orações.

Egoísticamente eu chegava a invejar o morto e até desejava estar no lugar dele por sabê-lo tão amado, mas isso não era possível porque depois não havia na freguesia coveiro, para abrir a cova onde eu repousasse.

Esse vil sentimento de inveja que me invadia estendia-se até à lápide com o nome e a fotografia do falecido que a senhora beijava sempre tão sentida e carinhosamente, ou até, mesmo da pedra da sepultura onde depositava as flores. Veja lá que eu até tinha inveja da lanterna onde a senhora substituía e acendia o pavio.

Mas se eu não posso substituir a lápide, a pedra tumular ou a lanterna, muito prezaria ficar no lugar do seu defunto, não na cova, dentro da urna e morto, mas em sua casa, dentro da cama e vivo, bem vivo, como é óbvio.

Amo-a com o mais nobre sentimento que me vai na alma, não de outro mundo, mas deste, alma que um dia darei ao Criador, alegremente ao som da Dança Macabra.

Como coveiro moderno, que me prezo ser vou agora tirar um curso de aperfeiçoamento acelerada da CEE para ganhar mais écus para que quando um dia juntarmos os trapinhos lhe poder proporcionar uma vida mais desafogada. Já que passarei a ter subvenções especiais, subsídios a fundo perdido e aumentos de 56% nas inumações.

Sou um profissional competente pois nunca nenhum dos meus clientes se queixou do meu trabalho e afirmo-lhe que tenho bastante prática de enterrar, reunindo portanto todas as condições para ser um marido viril e capaz de a satisfazer antes e depois dos outros enterramentos, a que por dever de cargo sou obrigado a fazer no cemitério.

Esperando ansiosamente a sua resposta, despeço-me apertando-lhe os ossos respeitosamente e com o mais acrisolado amor que lhe dedica o seu.

Fulgência Covas Torrão

P. S. - Se a sua resposta for favorável prometo-lhe por estes olhos que a terra há-de comer que tomarei uma bebedeira de caixão à cova.

DE UM COZINHEIRO

Viena do Castelo, 6 de Novembro de 1934.

Minha Doce Sobremesa.

Ao escrever esta ementa, perdão, esta missiva, sinto-me deveras embaraçado por não saber com que género de aperitivos hei-de começar o serviço.

Quando a vejo passar sempre tão airosa com a sua elegante panela a dar a dar, ponho o meu fogão em lume brando, e a temperatura sobe logo em flecha em risco de rebentar o termostato, enquanto o calor me derrete as banhas e a fervura vem ao de cima.

Você é a mais deliciosa e tentadora pescadinha de rabo na boca, ou para empregar uma linguagem mais amorosa, de cauda nos lábios, que apetece comer com espinhas e tudo, bem regada com um vinho rosé e acompanhada por uma salada de tomates.

Sinto-me verdadeiramente guloso por si, para, em conjunto, fazermos um cozido à portuguesa com um tempero quanto baste para arranjarmos uns quantos miúdos de galinha.

Se, como espero, eu não lhe for de todo indiferente, pode aproveitar o meu tacho para cozinarmos desde um simples refogado, um puré de batata bem amanteigado ou uma saborosa marmelada como convém numa lua de mel, que será bom, se prolongue para além do tempo normal de uma cozedura.

Pode ainda contar comigo para uma ementa completa com boas entradas, sopa e pratos variados de carne e peixe (mais carne que peixe) da qual não convém abusar para não esturrar o cozinhado.

Para melhor consolidar o nosso amor poderemos variar as refeições com um “linguado ao Ménier” e uma succulenta mariscada com piri-piri para as emergências.

Por fim ficarão a matar uns papos de anjo ou barrigas de freira, duas espe-

cialidades que podem dar para encher o papo ou a barriga, o que é natural que aconteça com o decorrer dos nove meses da praxe.

Os meus mais ardentes sonhos são poder meter no micro-ondas as nossas vidas para que um dia as possa ver recheadas de alguns belos cozinheirinhos e cozinheirinhas parecidos com a mãe no físico e refinados como o pai, na arte, e capazes de honrar a gastronomia nacional.

Creia no amor em lume forte do.

Sebastião Coelho Guisado

DE UM ELECTRICISTA

Portela da Luz, 23 de Maio de 1978.

Minha Brilhante Maria da Luz.

Durante algum tempo pensei que o Amor já não teria lugar no meu coração, porque, quando aqui na nossa terra esteve o Circo Cardinálíio apaixonei-me pela mulher eléctrica, mas fui traído pelo homem macaco, que fugiu com ela, o que provocou um profundo desgosto e me deixou em estado de choque.

Mas eis que um dia os meus olhos foram atraídos pelos polos magnéticos dos seus, e logo faiscaram, tendo de imediato ficado reparados os fusíveis dos meus, até aí, apagados ventrículos.

A minha bateria começou então a carregar de novo e, estabelecida a corrente eléctrica, logo no meu espírito se fez u ma resplandecente luz néon, que mais parecia um arco voltaico, pelo que o motor do meu coração está agora a funcionar em perfeito sincronismo amoroso, e tenho esperança que um dia o meu interruptor possa entrar em perfeita comutação com o seu, para formarmos um casal feliz como ficha e tomada que ligaram à corrente.

Espero que a minha humilde pessoa não lhe seja de todo indiferente, até porque a minha situação económica me proporciona alguma massa, não muita, mas a suficiente para que a Luzia possa dar à luz algumas lâmpadas de 25, 50 ou até mesmo 100 velas.

Estou possuidor de alguma electricidade estática, e a minha vida ficará por um fio se esta declaração não for aceite e fizer má ligação à terra.

Para alcançar o seu coração, mesmo que alguma vez ele esteja no espaço etéreo, estarei disposto a montar uma antena parabólica que me permita captar as suas ondas por mais hertzianas ou menos amorosas que elas sejam.

O meu acrisolado e magnético amor por você só tem paralelo na corrente de alta tensão, que estou esperançado manter pela vida fora, pelo que você poderá contar comigo enquanto a minha potência eléctrica não for abalada por

qualquer corte de energia, daqueles com que a EDP constantemente nos brinda.

Fico ansiosamente aguardando a sua resposta, e se ela for negativa prefiro morrer, e se me for dado escolher, eu quero morrer na cadeira eléctrica.

Beija-lhe as suas níveas mãos o mais electronicamente possível o seu eterno admirador.

Luís Faísca Chocado

DE UM ESTUDANTE DE MATEMÁTICA

Encontramento, 5 de Dezembro de 1965.

Minha Querida "Y".

Por muito tempo errei na vida sem quadrados nem inteiros nem mesmo álgebra nenhuma, mas finalmente um dia deparei com a incógnita da minha vida; precisamente a "Y".

Como não a quero maçar com fracções ou fórmulas nem operações matemáticas por mais modernas que sejam, devo dizer-lhe sem rodeios que foi você quem fez vibrar o Amor pela primeira vez nas parcelas sensíveis da minha tábua de logaritmos.

Sinto que não poderei viver sem você, e este momento em que lhe declaro o meu amor representa para mim um sem número de divisores fixos sem restos. Acredite que não a amo com qualquer amor volúvel ou estouvado, número inteiro ou fraccionaria. Não! O meu amor é um monómio, ou se quiser um binómio, ou mesmo polinómio, que mais pode parecer uma divisão com decimais e de resto zero.

Rogo-lhe encarecidamente me conceda uma pequena parte da sua adição, que me dê alguma esperança no resultado desta operação difícil e cheia de equações do 2.º grau, que é o Amor.

A sua bela equação jamais se apagará da minha memória, pois amo-a com as mais fraccionárias parcelas de um todo menor múltiplo comum e, se estiver disposta a unir a sua unidade ao meu milhar prometo-lhe que somaremos muitos dígitos, em número par ou ímpar, tanto faz, desde que a fórmula matemática esteja certa.

Se você estiver pelos ajustes nós acertaremos as contas, tirando a prova real ou a dos nove, com o fora nada, que espero, só deva desaparecer quando eu for velhinho a rondar já a centena, assim os nossos quocientes possam acertar o passo para que no resultado final a operação apresente um saldo positivo de um número de filhos que dê para formar uma 5ª potência elevada ao

quadrado.

Para terminar peço-lhe se compadeça da fracção irredutível sem denominador comum deste que a ama e aritmeticamente se assina.

“Z”

DE UM MALUCO DO VOLANTE

Freixo da Espingarda ao Ombro, 4 de Setembro de 1944.

Querida D. Elvira.

Desde que tive a ventura de lhe pôr em cima os faróis dos meus olhos o conta-quilómetros do meu coração deu para cima de 100 à hora.

Peço desculpa de me dirigir a si sem o livrete respectivo mas eu não posso fazer marcha atrás porque já há muito tempo pensei em tirar a carta da sua pessoa e por isso não julgue que eu me atreveria a destravar a “manette” da minha franqueza.

Tenho um carro na praça e não me importo que a menina seja pobre porque o que eu quero é uma mulher de linhas aerodinâmicas, que não deite água pelo radiador nem comece a dar descargas quando eu tiver o gás aberto.

Acredite que tenho imensa simpatia por você porque o pára-brisas do seu fino rosto, descapotável é encantador e os seus semieixos não necessitam de lubrificação especial.

Estou ansioso pelo dia em que lhe possa carregar no acelerador até a menina dar o máximo, e se o magnete do seu coração não estiver descarregado, nessa altura abrirei o escape do meu desespero e reverei o estado do meu capot e fazendo uma limpeza na panela do silencioso.

Apelo para a rodagem, que certamente ainda não fez, e para os cilindros do seu critério, pedindo-lhe que ponha óleo na sua consciência, aplicando os travões às quatro rodas do seu desdém para melhor se defender dos muitos buracos das estradas da vida para que possamos depois percorrer em marcha moderada e sem panes e, se houver furos, desejo ardentemente que deles possam resultar filhos perfeitos como a mãe.

Podê estar certa que sou um homem embora bastante rodado, ainda com os platinados em perfeito estado de conservação, que nunca o meu motor gri-pou, e que se um dia chegarmos a dar o nó, podê contar comigo, não só para

ralis, como para corridas da fórmula 1, como 2 ou mesmo 3 ou 4, pois estou aqui para as curvas, como para as rectas, e habilitado a correr tanto em caminhos de terra batida, como voar em qualquer auto-estrada ou autódromo, pois com câmaras de ar de alta pressão como são as suas, não correrei o risco de me machucar se alguma vez me despistar.

Com o código da sua paciência e a mudança de óleo que, espero, possa ficar a dever-lhe, peço me creia com o mais devotado e motorizado amor.

João Longarina Chassis

DE UM MÉDICO

Cardas da Rainha, 2 de Janeiro de 1949.

Minha Muito Amada Doentinha.

Encontro-me na pacatez do meu consultório a examinar com o meu olho clínico as radiografias que lhe mandei fazer e atrevo-me a dizer-lhe que, se você é linda por fora, tem uma beleza interior como não vi outra igual, pelo que confesso estar doentamente apaixonado por si.

Se Hipócrates, o Pai da Medicina, tivesse a felicidade de ver, como eu vi, como você é linda por dentro ficada vencido por tantas maravilhas como aquelas que contêm nas suas infra-estruturas ósseas e viscerais.

As suas costeletas tão bem perfiladas em harmoniosas curvaturas e as suas triangulares omoplatas formam um belo conjunto que culminam com um esternocleidomastoideu de linhas aerodinâmicas que fazem de si o mais belo esqueleto da actualidade.

Mas como se tanta beleza não bastasse, o seu coração é sem dúvida a perfeição máxima da cardiologia universal, com suas bem delineadas aurículas e ventrículos funcionando sincronamente, como convém, e então a aorta, que até dá vontade de plantar nela, umas beringelas, hortaliças, beldroegas, pimentos e até mesmo alguns tomates.

Ao escrever esta receita, perdão, esta carta de amor, sinto que o meu estetoscópio será incapaz de acompanhar o seu ritmo cardíaco e eu ver-me-ei naturalmente obrigado a autoelectrocardiografar-me ou a instalar um “pacemaker”.

Diga-me que não lhe sou de todo (ou em “part-time”) indiferente, ame-me com todas as veias do seu coração e eu prometo-lhe que no bloco operatório do meu hospital poderemos construir o nosso ninho de amor, onde com todo o carinho a depositarei na “marquise” e, com ou sem anestesia geral, lhe aplicarei o termómetro para avaliar o seu estado febril, tornando-lhe o pulso, e aplicando-lhe todas as injeções que você quiser.

Creia que a amo com toda a intensidade do meu sistema cardiovascular, nervoso, respiratório e urinário, estando apto a tratar-lhe da saúde segundo as mais sofisticadas regras da Moderna Medicina, incluindo ecografias e raios Laser.

Se unirmos os nossos destinos e se um dia eu tiver a suprema felicidade de me dar um ou mais “clínicuzinhos”, para não a fazer sofrer, os nossos filhos serão bebês-proveta, para o que se “aprovêta” todo o material orgânico que porei ao seu dispor, sem necessidade de recorrer aos respectivos bancos.

E porque senti por si um amor ao primeiro glóbulo ocular, terei o maior prazer em ir junto a seus pais que me concedam a sua mão com todos os dedos e respectivas falanges, falanginhas e falangetas, bem como o rádio, cúbito, perónio e toda a demais ossatura do seu esbelto esqueleto.

Esperançado que tenha feito a esta minha carta as indispensáveis análises, bem como outros meios auxiliares de diagnóstico, e para terminar envia-lhe com todo o carinho um desinfectado beijo o eternamente seu.

Nuno C. d'Aquiles S. Mayor Cardíaco

DE UM MERCEEIRO

Vilar de Codornizes, 25 de Agosto de 1937.

Meu Querido Torrão de Açúcar.

Sem a pretensão de querer arrotar às postas de pescada considero-me dos merceiros deste bairro o mais próspero e bem instalado na vida, sem temer a concorrência dos mini, dos super ou dos hipermercados por mais bem fornecidos que sejam e por mais promoções que façam.

Para o meu negócio e a minha felicidade serem completos faltam-me carinhos de uma mulher que possa por na balança dos meus desejos o peso e o contrapeso de amor, esse belo sentimento que cabe inteirinho na caixa registadora do meu coração.

Hoje ao conferir o livro de fiados deparou-se-me o seu lindo nome como sendo o da mulher mais indicada para preencher a tulha dos meus desejos amorosos.

Acho que você é, não só, o mais refinado açúcar pilé como mel de fina procedência serrana, e com tão perfeitos e rotundos marmelos que possui pode proporcionar uma marmelada da melhor qualidade.

O seu ar agaiatado faz-me lembrar uma franga de aviário de primeira postura daquelas que nunca conheceram galo de esporões e crista vermelha.

Aceite o meu amor pois que estou pronto a fazer de si minha esposa, e prometo-lhe desempenhar bem o papel de galo, e embora tenha no meu livro o seu nome como o maior calote de todos, não só esquecerei a dívida, como lhe fornecerei muitos cabazes dos mais variados e melhores géneros alimentícios, que espero partilhar consigo.

Comigo ninguém faz farinha porque os meus preços são os mais módicos de mercado, porque grão a grão enche a galinha o papo, e quem diz grão diz feijão e milho para eu fartar a minha franguinha adorada a quem eu quero arrastar a asa.

Francamente lhe confesso que quando estou com os azeites eu sou um tanto azedo mas no fundo sou incapaz de me deixar envinagrar, sendo até mesmo um caramelo ou um iogurte se isso for da sua preferência.

Estou completamente enamorado de si, do seu alourado cabelo que me faz lembrar a margarina do seu rosto de tão vivas cores que recordam o colorau, e o seu delicado nariz tão pontiagudo que mais parece uma cenoura. Então o sulfato que usa nos olhos faz recordar-me uma vinha bem sulfatada presagiando um bom vinho, branco ou tinto.

Disponha incondicionalmente do meu amor e de vasta gama de especiarias, frutas, legumes e todos os géneros de hortaliças, desde o repolho à couve coração de boi, que espero bem, não seja esse o meu tipo.

Pode dispor também de produtos congelados, que não os da minha propriedade humana, onde nada tenho congelado, antes pelo contrário, tudo em mim está vivo da costa.

Despeço-me beijando-lhe as suas níveas mãos com um carinhoso aperto de bacalhau deste seu apaixonado que se assina.

Salustiano Cebola Batata

DE UM METEOROLOGISTA

Condeixa-a-Moça, 7 de Março de 1926.

Adorada Nuvem Cor de Rosa.

Desde que tive a felicidade de a observar em superfície frontal tenho andado com o meu Boletim Meteorológico às avessas e ansioso por lhe dizer que estou perdidamente enamorado da sua beleza etérea capaz de irromper em rajadas fortes.

Francamente lhe confesso que me estou sentindo bastante vocacionado para galo porque a crista anti-ciclónica está acusando uma massa de ar quente que se estende até á região dos Açores em frente depressionária, pelo que para ser digno do seu amor estou disposto a defrontar qualquer estado do mar por mais alteroso que seja, mesmo que acuse vagas do quadrante sudoeste de 6 a 8 metros de altura.

Tenho por você uma paixão tão escaldante que está a originar uma subida das temperaturas máximas, e se não for correspondido sofrerei um acentuado arrefecimento nocturno no meu destroçado coração que poderá provocar quantidades de precipitação de valores anormais para a época, mesmo que seja de cio.

*Para melhor nos conhecermos venho convidá-la para me acompanhar num piquenique a duo num vale depressionário à sua escolha e se houver mudança repentina de tempo recorreremos a uma qualquer barraca que se nos depa-
re para nos abrigarmos das intempéries e podermos dar asas ao nosso amor.*

Então eu prometo-lhe solenemente uma precipitação voluptuosa às regiões do Centro e do Interior, ultrapassando as influências de qualquer depressão, chuviscos, aguaceiros ou neblinas.

Só espero que não se registem ventos fortes do Sul e ocorrência de trovoadas que possam influenciar negativamente esses momentos de Amor, originando poluição na costa atlântica.

Você terá então oportunidade de verificar que em mim não haverá frente fria ou ventos gélidos do Norte que me resistam, nem céu nublado que o meu acendrado amor não possa romper e capaz até de provocar ventos ciclônicos da ordem dos 200 quilômetros por hora.

Se quiser fazer de mim o mais feliz dos meteorologistas nacionais diga que me ama, que aceita o meu amor e que está disposta a unir o seu ao meu destino, e eu estarei pronto a pô-la em fase de enchimento e a fazer-lhe meia dúzia de nuvenzinhas esbeltas e vaporosas como a mãe.

Despeço-me à pressão pedindo-lhe que aceite a ex.. pressão da mais forte rajada de amor que eternamente lhe dedicará o seu.

Aníbal Tufão Ligeiro

DE UM PEDREIRO

Fornos de Algodos, 30 de Abril de 1960.

Minha Pedra Preciosa.

Quando peguei no pincel, perdão na caneta para lhe escrever esta carta a declarar-lhe o meu amor pretendia afirmar-lhe que ele está em alicerces bem fundos do meu coração. Não sei se os tijolos da parede do meu tórax poderão resistir a uma paixão tão argamassada como aquela que sinto por si e que foi construída em alvenaria hidráulica da mais pura procedência, revestida de fino mosaico cerâmico.

Subi ao ponto mais alto do meu andaime para bem lá de cima poder abarcar toda a sua beleza, utilizando o nível e o fio de prumo para que os nossos corações fiquem nivelados ou em perfeita horizontalidade, capazes de suportar as vicissitudes da construção civil, bem como as mais duras intempéries. Se caiu o muro de betão de Berlim, o muro do meu amor, não obstante ser apenas de pedra e cal, esse não cairá nem à força de bulldozer.

Não terei a veleidade de dizer que o meu foi um amor à primeira vista, mas foi à segunda demão com camadas impermeabilizadoras sobre betão armado e à prova de abalos sísmicos.

Peco-lhe que me abra a porta do seu coração e me deixe assomar à janela que eu não serei um pedreiro livre maçónico mas um pedreiro preso aos seus encantos mesmo sem serem cobertos com qualquer telha marselha ou de canudo.

Diga que me ama que eu construirei para nós um ninho de amor com 8 assoalhadas e outras tantas casas de banho, já a contar com meia dúzia de filhos que pretendo façam parte da mobília do nosso lar, e mais um outro para a sua mãezinha, aquela santa a quem um dia hei-de chamar sogra.

Advirto-a porém se, a um Lar da 3ª Idade, ela preferir aboletar-se em nossa casa, essa santa que tenha bem presente que entre marido e mulher não deve meter a colher, que essa é a peça da minha ferramenta, pois de contrário po-

derá levar umas marretadas no alto da moleirinha.

Aguardando a sua resposta despeço-me com todo o carinho e com as fundações mais firmes do seu.

Clorivaldo Paredes Pedras

DE UM POLÍCIA

Miranda do Corno, 20 de Fevereiro de 1939.

Querida Marginália.

Habituação a lidar com cadastrados, marginais e outros criminosos que tais, sinto-me um tanto embaraçado ao redigir esta participação, perdão, esta declaração de amor, pois que pelo facto de eu ser um simples polícia não significa que esteja isento de me deixar prender por uma mulher que pretende transformar em companheira que finalmente me solte de uma esquadra policial onde vivo há vários anos e onde gozo apenas de liberdade condicional.

Hesitei bastante antes de lhe escrever, porque embora me sentisse fascinado pelos seus olhos eu vivia prisioneira deles, só me faltando as algemas, afigurando-se-me estar condenado a uma prisão perpétua por toda a vida e mais seis meses.

Quando no meu serviço de ronda eu patrulho o seu bairro e passo pela sua rua o meu coração começa a disparar tiros de contentamento quando a vejo, e se durante a escala da noite piso as pedras da sua calçada vislumbrando a sua Janela iluminada acendo fogos de artifício nas duas aurículas.

É que eu não posso esconder que estou perdidamente enamorado de todos os seus encantos pessoais, e o meu mais forte desejo é deitar-lhe a mão e levá-la para um posto que seja só nosso e que se transforme no nosso ninho de amor, onde possa pôr em acção o meu cassetete, para arranjarmos pelo menos uma dúzia de policiaziños fardados a rigor.

Se o fardamento não lhes assentar bem, podem servir o País mantendo a ordem à paisana ingressando na Polícia Judiciária ou empregarem-se num Tribunal onde não ficarão tão arriscados a levarem com alguns balázios dos pobres dos ladrões que com tanta dificuldade trabalham nos assaltos e são tão mal compreendidos pela população que se nega a aceitá-los como trabalhadores bem comportadinhos que não fazem greves e nem podem ser sindicalizados.

Se porém, eles quiserem ser mesmo agentes da ordem, não devem pensar em sindicatos, pois podem arriscar-se a levarem uns banhos de agulheta dos colegas mais conservadores.

Deixando-a na agradável companhia dos marginais que ornamentam a nossa sociedade, peço creia na segurança do Amor que lhe quer roubar o seu.

Joaquim Furtado da Costa

DE UM POLÍTICO

Peso da Égua, 26 de Maio de 1926.

Minha Querida e Revolucionária Anarca.

Logo que a vi amei-a com a mais das autárquicas paixões que possa imaginar e apesar do seu nome não condizer com as minhas convicções políticas entendo que poderemos perfeitamente coabitar, pois quando o Amor aparece não são os votos da Direita ou da Esquerda que contam, mas sempre os do Centro que deve estar no centro de todas as atenções.

Porque estou bastante apaixonado por si venho declarar-lhe o meu amor que, dia a dia, hora a hora, aumenta mais que a inflação e até do que os 56 % com que foram beneficiados os nossos deputados, que não os outros - os Euro - que a esses já lhes chegam e sobram os dois mil e tal que embolsam todos os meses, fora as viajatas, banquetes, recepções, etc.

No Amor como na política, tem de se começar por baixo (até se poder saltar para cima) e para ser digno do seu amor estou disposto a assentar praça como Presidente de qualquer Junta de Freguesia e, paulatinamente subirei todos os degraus até atingir a Presidência da República, que é, como quem diz, o seu coração.

Quando então eu alcançar esse zénite da minha carreira política prometo-lhe que farei só para você todas as Presidências Abertas que quiser, desde que, obviamente, eu receba as necessárias contrapartidas, isto é, que você também me abra alguma coisa.

Se unirmos os nossos destinos proporcionar-lhe uma vida desafogada com o produto do meu trabalho, dos rendimentos e das luvas diversas, sem necessidade de recorrer ao O. G. E., a empréstimos externos ou subsídios a fundo perdido.

Agora que estamos na Europa e somos membros de pleno direito da C. E. E. prometo também dar-lhe o meu direito bem direito e a que a noiva tem direito, para que depois não tenha o direito de dizer: - Não há direito que o direi-

to não esteja tão direito como aquilo a que eu tenho direito.

Se tal porém acontecesse você teria o direito de recorrer para a Alta Autoridade Contra a Corrupção, para o Tribunal Internacional de Haia ou, o que era pior, para o meu Partido, de onde eu seria irremediavelmente expulso e transformado em eunuco de qualquer harém da Arábia Saudita.

Isso porém não seria de todo possível até porque com os novos ventos que sopram de Leste o martelo foi-se e eu espero que outro tanto não aconteça ao meu martelo pelo menos nos anos mais próximos. Diga que quer casar comigo que eu prometo não a deixar a ver navios e a proporcionar-lhe muitos abonos de família.

Vote o seu voto na urna do meu coração e nós ganharemos todas as eleições matrimoniais, bilaterais e presidenciais, por mais pluripartidária, cerrada e coesa que seja qualquer oposição que se nos depare.

Subscrevo-me com consideração e punho cerrado.

Mário Soares

DE UM SAPATEIRO

Barragem do Bode Velho, 5 de Março de 1931.

Minha Pelica Sedosa.

No convencimento de que você é a mais perfeita e ajustada forma para o meu pé tomei a liberdade de lhe escrever para lhe declarar o meu amor que não pretendo meter o martelo nem prender com atacadores, mas fazer entrar naturalmente no seu coração em solas de borracha, sapatilhas ou pésinhos de lã.

Para lhe provar o quanto o meu amor é sincero estou disposto a palmilhar muitos quilómetros gastando alguns pares de meias solas para poder alcançar a meta final que é seu coração.

Se lhe gabar a sua beleza e o seu físico não creia que é para lhe dar graça, mas apenas para dizer a verdade nua e crua como eu tanto gostava de a ver um dia, em pantufas, chinelas, ou até descalça e de “babydoll”.

Quanto gostaria de dar cera nas suas gáspeas para que pé ante pé viesse até à minha sapataria para dizer que também me ama, pois assim poderíamos formar um casal ideal, sem problemas, podendo calçar e descalçar qualquer par de botas, sem necessidade de calçadeira.

Se um dia tiver a grande felicidade de a ter por esposa creia que estarei sempre de sovela afiada, pronta a entrar na sola do seu contraforte que, como pode calcular, será o seu ponto fraco.

Diga-me que me ama que eu prometo usar a melhor pomada para aplicar numa fina camada do calfe da sua pessoa, puxando-lhe o lustro que você merece querida e que eu quero pôr a brilhar.

Esperando a sua resposta despeço-me com as melhores gáspeas e mais lustrosas pelicas que com o mais terno amor lhe dedica o seu.

Alfredo Botas Calçado

DE UM SOLDADO

Campo das Besteiras, 19 de Fevereiro de 1962.

Minha Amada Patrícia.

Quando vi a menina pela primeira vez entrou imediatamente de prevenção no quartel da minha pessoa e eu pus-me logo em sentido, pois o meu coração engatou em marcha acelerada e a disparar Amor qual G3 que estivesse em boas mãos.

Tão bela visão fez-me sentir o soldado mais feliz do mundo, e nem uma condecoração como a Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito valia tanto para mim como o ponto de mira dos seus olhos na Carreira de Tiro do meu peito onde eu atirasse ao alvo.

Amo-a com todo o seu patriotismo e o meu pré e peço-lhe encarecidamente que não renegue o meu amor porque uma nega dará cabo de mim e manda-me pró major, e se um dia for minha esposa, só espero que não me promova a coronel.

O casamento é a mais bela dádiva que pode acontecer a um homem, seja ele militar ou civil, general ou soldado raso, esteja à paisana ou fardado, com a Espada de Freixo à Cinta ou com o sabre desembainhado.

Se, como espero, aceitar o meu amor, verá como vai ser bem agradável a nossa vida, tanto na parada como na caserna, teremos oportunidade de praticar os mais diversos exercícios, e mesmo no campo, com fogos reais, silenciosos ou ruidosos, e mesmo muito felizes, pois não vamos ser atingidos por quaisquer estilhaços de granadas de ciúmes, espingardas de invejas ou metralhadoras de fofoquices.

O que eu pretendo sobretudo é fazer um casamento duradouro com muitos combates amorosos, de que espero nunca sair desertor nem derrotado, e dos quais possa resultar senão um batalhão, pelo menos uma companhia ou um pelotão de filhos que não sejam objectores de consciência, mas homens prontos para os combates que tenham de travar, tendo por inimigos apenas hos-

tes femininas e de que saiam vencedores principalmente nos combates corpo a corpo.

É que um soldado por muito lateiro que seja, pode muitas vezes não aspirar a ser aspirante, mas a que ele sempre aspira é a uma mulher, não só para deixar de tocar a furriéis e largar a manga de capote para depois passar a comer rancho melhorado e a dar à mulher caldo verde com tora em doses avantajadas.

Esperando ansiosamente uma resposta beijo-lhe as suas virginais mãos e subscrevo-me com o mais devotado amor à pátria e desde já faço o juramento de bandeira de recruta e passar a pronto quando você estiver disposto a dar o nó.

Manuel Soldado Sentinela

DE UM TALHANTE

Mérdola, 22 de Junho de 1974.

Querida Cabrita Fofa.

Quando há dias você entrou pela primeira vez no meu talho senti as miudezas baterem fortemente nas minhas costeletas e então eu fiz-lhe logo olhos de carneiro mal morto mas você certamente só reparou nos meus pés de galinha e eu fiquei de beíço caído e com os miolos às voltas.

É que à vista de tão apetitoso rosbife eu senti-me tentado a provar uma isca, quis apalpar e o artigo, que é como quem diz o acém, mas você correu comigo a 100 à hora e disse-me rispidamente:

- Tire lá os presuntos, que aí só há-de mexer um dia o filho da minha sogra!...

Então eu que felizmente ainda tenho viva a minha mãezinha fiquei esperançado em poder provar do seu lombo e disse cá para os meus ganizes:

- Atira-te Gervásio que ela está-te no papo!...

Não venho agora atirar-me de cabeça mas de rins e com dobrada, e entrecosto a dar a dar que parece geleia, para perguntar-lhe se você quer fazer de mim o talhante mais feliz do nosso Mercado Municipal.

Porque estou verdadeiramente apaixonado até ao tutano e se você estiver comprometida serei capaz de travar mesmo um duelo com o meu rival por mais D'Artagnan que ele seja.

Mas creio bem que você deve estar livre esperando o bode que a há-de levar ao altar para fazer de si uma apetitosa farinheira pronta a comer. Espero ser eu esse bode desde que nunca seja promovido a boi, sentindo-me inchado como um paio se conseguir merecer o seu amor.

Quero ser digno de poder partilhar os melhores bifés do seu corpo, desde a

chã de dentro à alcatra, porque eu retribuirei esse manjar oferecendo-lhe o melhor chouriço de Quiaios e desejo que desse cruzamento resulte uma pureza de raça de ariânicos cabritinhos.

Se esse meu sonho se tornar em realidade prometo oferecer-lhe uma vivenda com piscina e espaços relvados onde você não tenha razões para dizer mal da porca desta vida.

Beija-lhe as delicadas patinhas aquele que espera nunca ser tratado por si como Bode Velho e se assina.

Gervásio Leitão Bolotas

DE UM TRAVESTI

Azeitona, 1 de Agosto de 1988.

Meu Querido Favo de Mel.

Bendigo a hora feliz em que te conheci, quando eu ainda pertencia a esse maldito, sexo masculino que tanto mal tem feito à humanidade.

Vá de retro, porque eu, embora me custe dizê-lo, tive um pesadelo que durou 24 anos em que também fui homem sem préstimo, assexuado e amorfo.

Mas um dia porém tudo se modificou quando resolvi ir até Marrocos e mediante uns milhares de francos eis que me vi finalmente realizada como mulher a 95%. Os restantes 5% são ainda o que me resta da barba, dos pés grandes e dos músculos que os médicos não conseguiram eliminar por completo.

Tenho de reconhecer que esse homem horrendo que eu fui no passado está hoje transformado numa esbelta mulher de múltiplos atractivos. Os meus seios, graças às hormonas e às bem almofadadas próteses que me implantaram não ficam a dever nada aos da Sofia Loren ou aos da Fafá de Belém.

Ai filho, é uma sensação de tarar, esta de ter as mamas grandes para poder satisfazer os gulosos mais leiteiros.

Mas eis que um dia tive a felicidade de cruzar os meus olhares com os teus e aconteceu Amor, quando tu afinal não te andavas a bater a mim mas a essa desavergonhada da Mimi Lencastre, uma fofoqueira granfina, que afinal não tem mais do que eu, antes pelo contrário, tem a menos aquele apêndice que é próprio dos homens e que eu ainda possuo em dimensões bem reduzidas, é certo, mas sem préstimo para nada próprio da nossa andrógena classe que, num futuro próximo vai estar no mundo em maioria absoluta.

De qualquer maneira tu és hoje o meu muito homem, e se como espero, um dia a moderna cirurgia poder dotar-me de ovários, trompas de Falópio e demais miudezas de toda a mulher, far-me-ás completamente feliz, engravi-

dando-me e dando-me um filho que seja o fruto do nosso “Amor de Perdição”.

Depois sim. casaremos, se não poder ser em Portugal, será na Inglaterra, na Holanda, ou em qualquer outro país onde esses casamentos são passíveis e possíveis. E então só nos restará escolher o sítio ideal para passarmos a nossa Lua de Mel, que pode ser desde as Caldas da Rainha às Bermudas.

Até esse dia que, oxalá não venha longe, crê no amor eterno que te dedica a tua.

Suzy

DE UMA MÃE A UM FILHO MILITAR

A-das-Comadres, 20 de Março de 1976.

Querido Filho.

Pego na caneta para te escrever a lápis, por causa do gato que entornou o tinteiro, que por acaso não tinha tinta.

Há um pedaço que estás na tropa, mas enquanto cá estavas não dávamos pela tua presença, mas agora que partiste bem vemos que já cá não estás.

No domingo o senhor regedor organizou uma corrida de burros e foi pena que cá não estivesses, porque ganhavas de certeza o primeiro prémio.

Aqui estivemos todos doentes desde que nos curámos.

Mando-te as camisas novas que eu fiz com as velhas do teu pai. Quando tu as tiveres rompido manda-mas outra vez para eu fazer com elas outras novas para o teu irmão.

No domingo foi a festa cá da terra, e pensámos muito em ti por causa da feira dos porcos.

Digo-te que o teu irmão vai casar com uma rapariga. Tu já a conheces, é aquela que nos fez rir muito no dia do enterro do teu avô a contar anedotas muito picantes.

O teu cão ficou sem rabo por uma camioneta lho ter cortado. Para não te acontecer o mesmo olha bem sempre que tenhas de atravessar a estrada.

Aqui estamos todos bem, menos o teu tio Júlio que morreu. Espero que esta carta te encontre de igual modo.

Beija-te a tua mãe.

Maria da Conceição

DE UM NEGRO AO SEU "CUMPADRE'

Buraco di Fumaça, 7 do mês que passa do ano que trispassa.

Cumpadre.

Esta é a primeira carta que te escrevo e ainda não tive resposta. Saúde, força e jeito.

Sem mais aquela por meio desta venho à tua presença por me achá ausente.

O meu maió desejo é que tudo esteja bem.

Quanto a nós cá vamo em pé. Só a sua cumadre é que vai andando deitada, coitada. Está acamada na cama c'uma camada grande de gordura gordurosa.

Isto por aqui está muito mudado. Muita gente que nunca morreu está agora a morrer. A sogra do Zé Quelimente comeu muito mão de vaca e se esqueceu de limpá a boca, os beiços se grudaram e a pobre murreu de sufeca,

O meu primo Berto pediu a Berta em casamento, mas a Aninhas, a mãe dela, disse que ambos os dois são primos um do outro e filhos de parente com parente os filhos saem analfabetos.

Cumpadre: não te mando dizer que teu pai murreu p'ra não te dar desgosto, mas qui murreu lá isso murreu mesmo.

A mulher do Clotildes teve um filho mas o pai anda dizendo que o filho não é dele porque ele tem uma perna de pau e o criança nasceu com as duas perna di carne.

Aqui na tabanca abriram uma rua nova. Tem um passeio dum lado e outro passeio do outro lado e a rua passa mesmo no meio da rua.

A cumadre Girtrude véia teve qui fazê uma operação ao estômago da barriga. A pobrezinha tinha ingulido uma moeda de 10 mil rei e os médico só pu-

deram tirá 7 mil e quinhento.

No mais desculpa algum erro de caligrafia mas estou andando um pouco rouco e o aparo já está rombo de tanto que eu tenho escrito a lápis.

Desculpa também não pôr ponto final porque a tinta não chegou.

Teu cumpadre do coração que te abraça com um forte abraço dado cum ambos os dois braço.

Sebastião Muleque

*E OUTRAS QUE
TAMBÉM NÃO
FORAM ESCRITAS*

NOTA:

Para saber mais sobre Fausto Caniceiro da Costa e eventualmente obter outras obras visite regularmente a sua página na Internet em: <http://figueira.net/caniceiro>.

A presente edição deste livro (disponibilizada gratuitamente através da Internet) é resultado de um protocolo de colaboração entre o Autor e a Figueira.net – A Figueira da Foz na Internet (<http://figueira.net>).

O Autor autoriza a reprodução desta obra livre de quaisquer encargos desde que a mesma permaneça rigorosamente inalterada. Toda e qualquer reprodução (integral ou parcial) terá sempre de identificar o Autor (Fausto Caniceiro da Costa) e a origem (<http://figueira.net/caniceiro>). Se não cumprir estes requisitos estará a lesar a propriedade intelectual e material do Autor.

Se gostou de ler este livro seria muito apreciada uma contribuição monetária (à sua vontade). Essa contribuição poderá ser entregue ao Autor que, à semelhança do que é seu hábito, a entregará por sua vez a instituições figueirenses de apoio à comunidade (solidariedade, beneficência, etc.).

O AUTOR:



FAUSTO CANICEIRO DA COSTA

Rua Dr. Mário Soares, n.º 1 - 1.º - D

Buarcos - 3080-254 Figueira da Foz

Portugal

Telefone: (+351) 233421188

<http://figueira.net/caniceiro>